

SUBDESENVOLVIMENTO-ATRASSO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

A noção de subdesenvolvimento de nação ou de grupo se compõe de duas partes distintas mas interligadas e com mútuas implicações: a parte estática, sociológica, econômica, diríamos até espacial; e a parte dinâmica, histórica, temporal. A primeira parte chamamos: subdesenvolvimento-pobreza; e a segunda damos o nome de subdesenvolvimento-atraso. Já vimos em artigo anterior que o subdesenvolvimento-pobreza é uma imperfeição social que se traduz pelo fato de a maior parte de um povo viver em condições infra-humanas, e até em condições infra-animais. Pode ser visto como um mal físico, que é, segundo a doutrina clássica, a privação de um bem exigido pela natureza da coisa. O subdesenvolvimento-pobreza tem assim eixos de referência fixados na natureza do homem e nas exigências dessa natureza. Fome não depende de conjuntura histórica, não tem data, e produz o mesmo sofrimento num sultão de Ramsés II ou num súdito de Nasser. Outros traços culturais da pobreza social não são bem definidos como a quantidade de calorias por habitante, e parecem mais afastados da natureza humana. Na realidade são mais flexíveis, mas não mais afastados. Uma das exigências fundamentais da natureza humana é a solução dos problemas materiais mais indispensáveis, é o atendimento, digamos assim, das exigências da parte animal, para que o humano se liberte e viva segundo o espírito. As sociedades existem para proporcionar aos habitantes uma realização aproximada, razoável, desse ideal. A determinação do grau de pobreza de um grupo não é coisa fácil, e não pode ser feita com proveito por uma fórmula que combine engenhosamente índices econômicos; isto entretanto não lhe tira o caráter de mal absoluto. Tem gradações, terá em certos casos fronteiras difíceis de precisar, mas o referencial a que se prende é o "everlasting man" de Chesterton. Já o mesmo não acontece com o subdesenvolvimento-atraso que se define em termos de referenciais móveis e que tem como principal característica, a dimensão histórica. O conceito de atraso se aplica também à vida individual. Todos nós sabemos que uma criança de quatro anos deve fazer tais ou quais coisas; se as não fizer, se fizer somente aquelas que são feitas por crianças de dois anos, diremos que ela é uma retardada. Há um ritmo de crescimento e de desenvolvimento conhecido para as crianças e para os animais. A história individual, pela prodigiosa repetição, nos oferece critérios seguros para aquilatar o atraso. Mas no caso das nações o problema se arma de um modo diverso. Para começar, as nações não são formas substanciais e bem definidas, como o nacionalismo tende a considerar. A diversidade de nações é muito diferente da diversidade zoológica; e a igualdade das nações é muito diferente da igualdade entre indivíduos da mesma espécie. Além disso, apesar de se dizer que a história sempre se repete, nós sabemos que na verdade ela nunca se repete. A frase só tem graça por causa do desafio que lança à inteligência. O que se repete na história é justamente aquilo que não é história: é a natureza; a essência do homem. Não há pois como no caso anterior, um panorama de repetições e uma sólida classificação de gêneros e espécies, que nos permita julgar o atraso de uma nação como se julga o atraso de um cão ou de um bezerro. Os referenciais tem de ser buscados nos próprios eixos históricos em movimento. Mas para haver atraso não é necessário que o grupo apresente um inventário nulo de progresso nos mais importantes ramos da atividade humana. Pode haver progresso medido em termos de incremento de tais ou tais recursos, incremento esse medido entre duas datas da história do mesmo país, e assim mesmo haver atraso. Se me disserem, por exemplo, que o Brasil tinha tantos quilômetros de estrada no dia da proclamação da república e hoje tem vinte vezes mais; que consumia tantos quilowatts e hoje consome trinta vezes mais; que tinha tal taxa de mortalidade infantil e hoje tem vinte por cento menos, e assim por diante; eu continuo a dizer que tais dados não bastam para aquilatar o que aqui chamamos subdesenvolvimento-atraso. Com todo aquele crescimento, pode estar atrasadíssimo o país. Em que termos? Em termos do movimento histórico do grupo, da Civilização, a que pertence o país em estudo.

Está hoje em moda falar em blocos de nações definidos por interesses econômicos e por tendências políticas comuns. Acho a metáfora infeliz, porque nada me parece menos petrificado, menos bloco, menos sólido, do que esses enxames de gente que vêm pela história procurando não se sabe bem o quê. Mais infeliz ainda é a idéia de ver no substratum dos interes-

ses econômicos a chave que abre os sete selos da história. Parece-me mais razoável encarar o problema da associação de nações em função de um dado espiritual que poderíamos chamar, com Maritain, "ideal histórico concreto", que é um modo comum e coletivo de encarar a vida, o mundo, a natureza do homem e sua sorte diante de Deus. Os grupos que têm o mesmo ideal histórico formam uma civilização, uma espécie de galáxia em movimento pelos séculos e séculos. Esse movimento pode ser comparado a uma caravana, como a da família de Abraão, com um objetivo ao mesmo tempo vago e nítido. Vago no que concerne aos horizontes da sorte e aos caprichos da história; nítido no que concerne ao ideal histórico, à concepção que se tem do mundo, do homem, da vida e de Deus. O sr. Foster Dulles, por exemplo, não sabia com exatidão onde iria parar o mundo e a América, mas sabia e ainda sabe com extrema precisão que tudo deve ser feito para que o mundo não se cristalice pelo ideal soviético; sabe que certos valores, como o respeito à lei natural, devem ser defendidos até a última trincheira. Já o sr. Nasser não tem a mesma convicção e o mesmo ideal histórico, ou não parece ter. E muito menos o sr. Kruschew com todos os seus prisioneiros.

Cada Civilização pode enquadrar um certo grupo de nações, e é aqui que se acha o critério para a medida do subdesenvolvimento-atraso. A marcha de cada país será aferida pela marcha do grupo. Ainda que em relação a si mesmo ande para a frente, se andar com velocidade menor do que a velocidade média do grupo, estará andando para trás. Atraso, em linguagem cultural, histórica, é afastamento relativo ao grupo de mesmo ideal histórico. Este atraso tem consequências mais fortes e mais terríveis do que à primeira vista parece ter coisa definida em termos tão relativos. A nação que fica para trás, que perde contato com a liderança da caravana, sofrerá tensões políticas, psicológicas e econômicas. Um sentimento de inferioridade exaspera os ânimos e produz um nacionalismo neurótico que tende a tornar o atraso ainda maior. O país moralmente obrigado a seguir os líderes do grupo, se chega a certo grau de atraso corre o risco de acelerar o atraso com uma série de reações emocionais, e graças ao aproveitamento dos exploradores de situações turvas. Economicamente é fácil ver a consequência do atraso cultural. Se alguns países do grupo são os que inventam e criam novas formas de conforto e de prazer (a Televisão, por exemplo), os outros, que não foram capazes de tal criação, se sentirão obrigados ao uso, e assim se tornam mercado de uma nova utilidade produzida, inventada pelos países mais desenvolvidos. Uma coleção de casos semelhantes cria um hia-

to cada vez maior entre o país atrasado e os líderes do grupo. Autores que citaremos pormenorizadamente mais adiante (Gunnar Myrdal e Ragnar Nurkse) acreditam que há neste processo de subdesenvolvimento uma espécie de círculo vicioso que chamam de "causação circular cumulativa" pelo qual o país atrasado tende a tornar-se mais atrasado, e o pobre cada vez mais pobre. Felizmente para nós, para o Brasil em particular, não há um determinismo rigoroso nesses movimentos humanos. Mas não deixa de ser digna de nota a observação daqueles economistas, e a moral que se tira dela é a necessidade de uma soma de esforços no sentido de quebrar o círculo mortal.

Uma coisa é certa, no que concerne ao atraso histórico. O país que sofre subdesenvolvimento — atraso, definido em termos de movimento relativo de um grupo que por sua vez se define por um ideal histórico concreto, corre o risco de chegar a um ponto crítico em que começam a aparecer no ar solitações, tendências, tentações de um tipo especial. O país tem vontade de mudar de grupo para aliviar o ressentimento. Surge na cultura do país a tentação de deixar para trás tudo o que se pareça com os valores que constituíam a honra daquela civilização. O leitor poderá dizer que o país em questão tem uma chance de mudar para melhor. Em princípio, a mudança pode ser para melhor ou para pior. Mas com tal motivação e com tais antecedentes é quase certo que o país em questão se deixe levar por caminhos que representam desvios, traições à sua vocação.

Pode também acontecer que em tal clima muitas medidas sejam tentadas, não para resolver o atraso e o sub-desenvolvimento, mas para disfarçar o contraste excessivo e humilhante. Nações de igual subdesenvolvimento tentarão se unir, como se atraso, omissão, fraqueza, pudessem constituir ideais, positivos capazes de formar uma caravana histórica. Tudo isto, que já está acontecendo, para grande entusiasmo de alguns publicistas, só trará ao mundo, e aos próprios países interessados, maior inquietação e maior miséria. Solução adequada não trazem, porque solução adequada só pode surgir num mundo que procure união em torno de valores espirituais e libertadores, e não num caos de clamores reivindicatórios. O espetáculo do mundo moderno é deveras confrangedor. Depois do apogeu da sociedade liberal, em que as chamadas grandes potências abusaram da riqueza e da força, temos agora um mundo estranho, um mundo surrealista, em que as pequenas potências abusam da miséria e da fraqueza. Entende-se a lógica da desforra, em certos casos, como na China, por exemplo, ou na Indonésia; mas não se entende o entusiasmo com que alguns observadores acompanham tão exultante fenômeno.